IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

A deterioração dos costumes

Pessoas que acreditam nos valores familiares não têm espaço na mídia

Sou um defensor da liberdade de imprensa, desde os bancos escolares. Sempre admirei a coragem dos dirigentes dos jornais brasileiros de denunciar a falta de ética na política, tendo presenciado em minha vida atos de altaneira independência dos jornalistas ao enfrentarem os políticos que desejaram prescindir da democracia, alguns até mesmo sendo exilados por tais manifestações.

Essa admiração que nutro pela postura intransigente de luta pelas instituições se tem transformado em preocupação sempre que os jornais do País tratam dos costumes e da ética familiar e pessoal. Nesse campo, parecem-me corrosivos da moral, além de não exteriorizarem a verdadeira liberdade de imprensa.

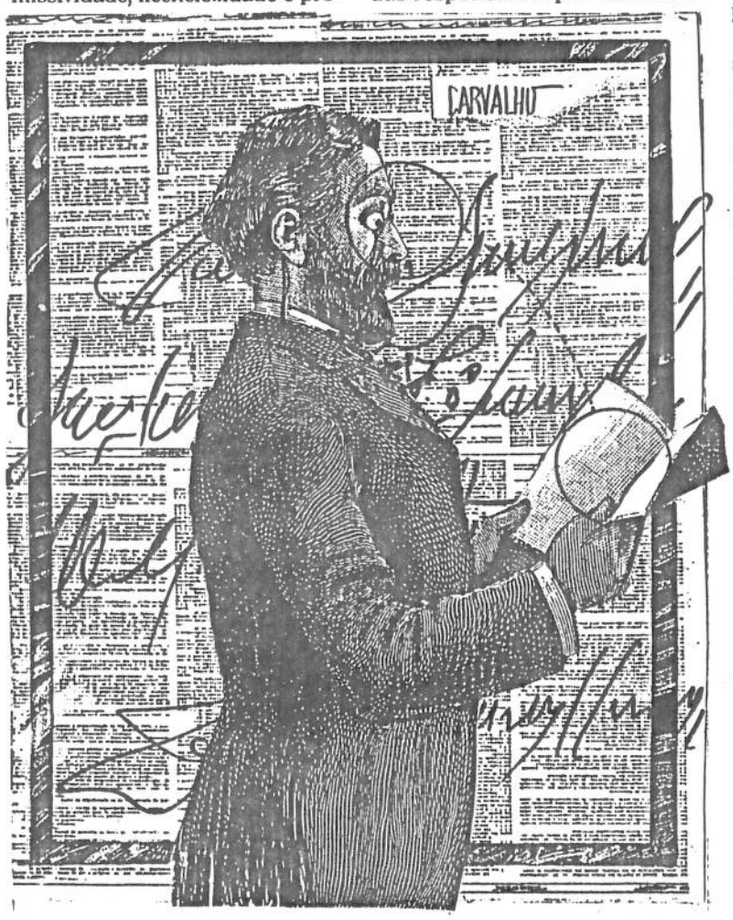
Quem me leia não pode imaginar a dificuldade que tenho para criticar a imprensa que admiro, e seus dirigentes, muitos dos quais são meus amigos. Mas não deveria calar perante o público a triste impressão que me causam as páginas diárias de exaltação ao homossexualismo, às genitólogas (mulheres que ganham a vida à custa ou vivem em função de seus órgãos genitais), ao nudismo promocional (rara é a semana em que a imprensa brasileira não publique fotos próprias de revistas pornográficas) e de crítica à moral conjugal, à estabilidade das relações matrimoniais, aos valores ético-religiosos.

Poderão dizer que seus editores pensam de forma diversa da minha, o que não discuto. A diferença, todavia, é que a liberdade de imprensa pressupõe o direito de que a sua opinião, a meu ver, corrosiva de costumes, e a minha, que, para eles, seria conservadora e retrógrada, possam ter igual espaço nos veículos, que, de rigor, são os paladinos da livre expressão. Em outras palavras, em matéria de costumes e moral familiar, não há liberdade de imprensa no Brasil, mas apenas a imposição de "seus valores" ao leitor, com o que a "liberdade de um só" se transforma em "ditadura" dos meios de comunicação.

Salta à vista que as páginas e páginas diárias, principalmente de alguns jornais de grande circulação, dedicadas às experiências "gay", bizarrias sexuais, anúncios de cafetinagem, etc., não são compensadas por outras dedicadas às famílias bem constituídas, à grande maioria dos casamentos, que são estáveis, à educação da juventude em outros padrões que não os da permissividade, licenciosidade e promiscuidade sexual.

Há algum tempo, no programa *Gazeta Meio-Dia*, debatia com Enio Mainardi a questão do aumento brutal da gravidez entre jovens de 10 a 14 anos, defendendo ele a idéia de que a mídia não sabe ensinar à jovem como deve ela fazer para se proteger, em sua liberdade sexual, para evitar a gravidez indesejada, e eu demonstrando que o simples fato de a mídia exaltar o "coito sem amor", pelo mero prazer, contribui para o alargamento desse drama. É que, nessa idade, a menina aprende, pela imprensa, a mecânica do sexo, mas não tem ainda a responsabilidade e a estrutura psíquica moral para medir as conseqüências do seu ato.

A "liberdade de imprensa" dos donos de jornais e de TVs de expressar a "sua opinião" é uma das responsáveis por essa deterioração de costumes, com mais este séquito doloroso de jovens grávidas entre 10 e 14 anos, além de uma prostituição infantil em que a causa maior está no esgarçamento da moral familiar, promovida, entre outros, pela imprensa.



E nem se diga que abrem, os jornais, espaço para contestação, visto que, a cada três ou quatro linhas de protesto, há páginas e páginas de defesa do "permissivismo sexual", como conquista da humanidade sem valores do século 20.

Liberdade de imprensa, para mim, é terem todas as correntes de pensamento e da realidade social o mesmo reflexo no conteúdo editorial e noticioso, e não apenas algum espaço esporádico e marginal, que serve somente como álibi para manter uma certa aparência de pluralismo e imparcialidade.

Estou convencido de que, apesar da crítica dos que me chamam de "conservador", há uma imensa massa, no País, formada por pessoas que acreditam nos valores familiares, multidão sem espaço na mídia, que deseja ver, no Brasil, a "verdadeira e ampla liberdade de imprensa".

Ao escrever este artigo de desabafo, eu o faço consciente de que provocarei os "permissivistas", para quem a função dos meios de comunicação é afastar o "obscurantismo", e a melhor forma de fazê-lo é não dar "liberdade" para que os "conservadores" se pronunciem.

Enfim, gostaria de ver todos os jornais de minha terra, que tanto admiro, dando ao menos tanto espaço aos "permissivistas" como aos "conservadores", com o que ficaria prestigiada a verdadeira liberdade de imprensa.

■ *Ives Gandra da Silva Martins, professor emérito das Universidades Mackenzie e Paulista e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, é presidente da Academia Internacional de Direito e Economia e do Conselho de Estudos Jurídicos da Federação do Comércio do Estado de São Paulo*

■ Miguel Reale, que escreve quinzenalmente nesta página, excepcionalmente não publica seu artigo hoje.

*** Jornal O ESTADO DE SÃO PAULO, 3 de maio de 1997.
pág. A-2